

Bases cognitivas do conceito de “memória agonística”: um estudo fenomenológico através da comunidade LGBTQIAPN+

Cognitive bases from the concept of ‘agonistic memory’: a phenomenological study through the LGBTQIAPN+ community

Sérgio Rodrigues de Santana¹
Carla Daniella Teixeira Girard²
Eliane Epifane Martins³
Lília Mara Menezes⁴
Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz⁵
Anderson Alberto Saldanha Tavares⁶

DOI 10.26512/museologia.v14i28.55624

1 Psicólogo, Doutor e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Psicologia (UFPB) e Biblioteconomia e Arquivologia pela Uniasselvi. Atualmente é docente do curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Sucesso no polo São Bento/PB, e líder do Grupo de Estudos em Interdisciplinaridades e Epistemologias (GintEpis). Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1286-0775>; Lattes <http://lattes.cnpq.br/3280857737826244>, E-mail sergiokafe@hotmail.com

2 Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Graduação em Formação Pedagógica de Docentes - Habilitação em Letras e Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), Especialização em Docência da Educação Superior pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutora em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/Canoas). Orcid <https://orcid.org/0000-0001-6024-8743>; Lattes <http://lattes.cnpq.br/4185308849454786>; E-mail carlinhagirard@yahoo.com.br

3 Doutoranda e Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atua como docente no Curso Técnico em Biblioteconomia do Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP) e bibliotecária na Companhia de Desenvolvimento da Área Metropolitana de Belém/PA (CODEM). Realiza pesquisas na área da Ciência da Informação, memória e patrimônio cultural. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-7743-0004>; Lattes <http://lattes.cnpq.br/5595539093650239>; E-mail jadyeliane@gmail.com

4 Mestra em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, é pós-graduada em Literatura e Ensino, pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (2011) e graduada em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2005), atualmente é professora na educação básica e tutora do curso Letras-Língua Portuguesa na UERN/UAB. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-3544-7369> Lattes <http://lattes.cnpq.br/4318101755520707>; E-mail liliamaram@hotmail.com

5 Docente da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Doutora em Educação (ULBRA/RS, 2024). Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local (Centro Universitário UNA/BH/2013). Graduada em Psicologia (UNINCOR/MG/2009), Pedagogia (FBN/AM/2023) e Ciências Sociais (ÚNICA, 2024). Formação Complementar em Pedagogia (FCE/2022). Especialista em áreas interdisciplinares (Psicologia, Gestão, Direitos Humanos, Educação Especial, outros). É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Pedagogias Culturais e Pedagogias do Corpo (GPCCORP/UEAP). Orcid <https://orcid.org/0000-0003-2124-8913>; Lattes <http://lattes.cnpq.br/6454625036720372>; E-mail annebelle.cruz@gmail.com

6 Mestre em Gestão do Conhecimento da Universidade da Amazônia. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará. Foi coordenador do Serviço de Arquivo Médico e Estatística do Hospital Saúde da Mulher em 2008-2009. Atuou na Assistência Social da Prefeitura de Ananindeua, tem experiência em programas e sistemas da Rede SUAS de 2011-2014. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1062-5544>; Lattes <http://lattes.cnpq.br/2823297713968308>; E-mail anderson.tavares@fapespa.pa.gov.br

Resumo

Memória agonística é um conceito de inclinação cognitiva e indentitária que reflete acerca dos patrimônios, tradições, espaços e os corpos frente às disputas, assim pode ser conduzido por afrontamentos e enfrentamento violentos e mortais. Quais são bases epistêmicas cognitivas do conceito de memória agonística? O objetivo é descrever as bases epistêmicas cognitivas do conceito de memória agonística através da observação e análise da comunidade LGBTQIAPN+, com o foco no grupo dos(das) “transsexuais/travestis”. Adotaram-se o método fenomenológico e a inclinação qualitativa com vistas a contribuir de forma epistemológica para as atualizações epistêmicas para os estudos de memória. A memória agonística é um produtor da intermitência que ocorre em esferas do “estar-no-mundo” através do olhar crítico, da falta de acolhimentos nos espaços, da negação de oportunidades, do desrespeito e violência no trabalho e do impedimento aos banheiros que promovem bases cognitivas como o medo, receio, frustração, raiva e timidez.

Palavras-chave

Memória agonística; LGBTQIAPN+; Transsexualidade; Epistemologia.

Abstract

Agonistic memory is a concept of cognitive and identity inclination that considers heritage, traditions, spaces and bodies in opposition to competition, and can be driven by violent and deadly confrontations and confrontations. What are the cognitive epistemic bases of the concept of agonistic memory? The objective is to describe the cognitive epistemic bases of the concept of ‘agonistic memory’ through the observation and analysis of the LGBTQIAPN+ community with a focus on the group of ‘transsexuals/transvestites’. The phenomenological method and qualitative inclination were adopted with a view to contributing epistemologically to the epistemic updates for memory studies. Agonistic memory is a producer of the intermittency that occurs in spheres of ‘being-in-the-world’ through critical observation; the lack of acceptance in spaces; the denial of opportunities; disrespect and violence at work and the prohibition of bathrooms that promote cognitive bases such as fear, apprehension, frustration, anger and shyness.

Keywords

Agonistic memory; LGBTQIAPN+; Transsexuality; Epistemology

Introdução

A comunidade LGBTQIAPN+ é composta por uma diversidade de perfis e grupos, incluindo um espectral considerável de identidades que desafiam categorizações rígidas, uma vez que o corpo LGBTQIAPN+ pode não apresentar fixidez compulsória. Considerando as diversidades em todos os níveis, elas se compõem a partir de diversos códigos de vestimentas, símbolos, hábitos, espaços culturais e comportamentos, estes inseridos em um campo maior e comum, a memória.

Para Izquierdo (2002: 9), a “[...] memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações [e conhecimentos]”. Apesar de visualizar esse conceito, existem muitos conceitos de memória, não é um construto exclusivo da Ciência da Informação (CI). Entretanto, nessa área todos os conceitos de memória são arranjos dentro de perspectivas – individual, coletiva, social e artificial, e, através da comunidade LGBTQIAPN+, um conceito pode ser determinado por perfis, e grupos, como do um espectral.

Memória agonística é um conceito de inclinação cognitiva, embora indentitária, que pensa os patrimônios, tradições, espaços e os corpos, e pode ser conduzido por afrontamentos e enfrentamento violentos e mortais. Candau (2012) relata, em seu texto “Memória e identidade”, várias experiências humanas de memória agonística, porém, ele não deriva o conceito nem se aprofunda nos seus pontos e bases.

Considerando essas questões, quais são as bases epistêmicas cognitivas do conceito de memória agonística? O objetivo de artigo é descrever as bases epistêmicas cognitivas do conceito de memória agonística através da observação e análise da comunidade LGBTQIAPN+, com o foco no grupo dos(das)

Bases cognitivas do conceito de “memória agonística”:
um estudo fenomenológico através da comunidade LGBTQIAPN+

“transexuais/travestis”, em vistas à explanação do conceito, assim como sua aplicabilidade. Isso ocorre, uma vez que esse grupo, segundo Santana (et al., 2024), apresenta com mais ênfase o fenômeno agonístico como característica da identidade.

A justificativa desta pesquisa parte do fato que é preciso visualizar a memória para além dos relatos, artefatos e monumentos, pois ela pode ser também um elemento comportamental operando no cotidiano, como o construto memória agonística, que precisa de um alargamento epistêmico.

Referencial Metodológico

Adotou-se a inclinação qualitativa, pois, para Sampieri, Collado e Lucio (2013: 35), esse enfoque pode ser visualizado como “um conjunto de práticas interpretativas que tornam o mundo ‘visível’, o transformam em uma série de representações na forma de observações, anotações, gravações e documentos”. Utilizou-se o método fenomenológico, em que as essencialidades dos fenômenos podem ser retiradas de um corpus de entrevistas, narrativas, diálogos, documentos, bibliografias e observações, essas últimas consideradas nesta pesquisa. Em outras palavras, isso permite a conexão e desconexão entre o que já foi observado e os novos insights que emergem das essências do objeto (Castro, Gomes, 2011), que, nesta pesquisa, se refere à memória agonística.

Este *corpus* se constituiu das observações acerca do fenômeno agonístico através do fluxo da sensação, percepção, consciência, memória, ações e comportamentos das experiências e vivências no mundo dos sujeitos “transexuais/travestis” e de seu “estar-no-mundo”, ou seja, fora da comunidade LGBTQIAPN+.

Referindo-se às análises, a simples ênfase do afastamento do sujeito pesquisador do objeto de pesquisa no método fenomenológico, por si, já se figura um protocolo, ponto que permite afirmar que, para conduzir esta pesquisa, não necessariamente é imperativo um sujeito de lugar de fala.

Para Bachelard (1996: 77), “A fenomenotécnica prolonga a fenomenologia. Um conceito torna-se científico na proporção em que se torna técnico, em que está acompanhado de uma técnica de realização”. Ou seja, ao transformar um conceito abstrato em concreto, por consequência, essa estratégia facilita a compressão e aplicação do referido método de forma didática. De tal modo, nesta pesquisa se adotou um modelo técnico de redução eidética dos dados do corpus das observações por meio de alguns protocolos.

Na redução eidética há variação imaginativa livre dos pesquisadores no exercício da criatividade científica para redefinir as possibilidades de evidência de fenômeno agonístico, tomando como base os limites concretos dos relatos experiências para que as significações atinjam estatuto de essências (Castro, Gomes, 2011). O método fenomenológico, aplicado por meio da redução eidética permitiu o retorno e o questionamento das certezas imediatas. Dessa forma, ele possibilitou a conexão/desconexão dos dados previamente às observações sobre o fenômeno agonístico, gerando novos *insights* e essências a partir de cinco fatores relacionais.

O *epoché* aborda a suspensão do mundo no tempo e no espaço pelo pesquisador, assim, se compreende a suspensão de juízo de valor do objeto de pesquisa que fora previamente discutido e/ou representado mentalmente, antes que o pesquisador faça aplicação do método fenomenológico.

Portanto, o *epoché* significa “colocar entre parênteses” essas discussões e representações, pois é a ação de não aceitar nem negar os preconceitos,

crenças e afirmações sobre relações causais ou suposições, elas são postas em suspensão (Castro, Gomes, 2011).

O noema versa sobre a sensação do objeto de pesquisa, que diz descrever a senciência, uma sensação tão marcante em nossa forma de visualizar *a priori* o mundo. Quanto à *noesis*, diz acerca do ato de perceber desse objeto de pesquisa que é *a posteriori*, dessa forma deve-se transcender junto como as sensação e significações imediatas construídas, ou seja, esse lugar do “fenômeno agonístico” na comunidade LGBTQIAPN+.

A eidética é a redução à ideia da noema, assim sendo, removem-se os espectros ou camadas do objeto de pesquisa para construir as significações antes não vistas do “fenômeno agonístico”, e, por fim, a descrição das essências, o inédito sobre o objeto investigado e suas relações como o “fenômeno agonístico” e a comunidade LGBTQIAPN+.

Dessa forma, nesta pesquisa e *in loco*, os pesquisadores consideraram o *epoché*, noema, *noesis*, eidética e a descrição das essências que se seguiu através de algumas etapas na técnica de redução eidética, para alcançar o essencial.

A “limpeza das limitações do conhecimento”, por exemplo, a lógica do que a ameaça, o ataque e a fuga são imagem fixas que não precisam ser investigadas, pois elas, por si, e para Bachelard (1993: 2), emergem da “[...] consciência como um produto direto da alma, do ser tomado em sua atualidade”, pois, para ele, se fixar-se numa redução eidética, ele advoga o dinamismo das imagens (Azevedo, Azevedo, 2010).

Manteve-se a “inclinação de evitar uma investigação baseada na natureza”, basear a pesquisa em um conjunto de dados (informações) que não tiveram sua credibilidade devidamente apurada; assim como se mirou em uma “perspectiva do fenômeno enquanto acontecimento existencial”, isto é, busca uma compreensão da pesquisa por meio de sua complexidade e singularidade. Considerou-se “a suspensão dos dados empíricos”, senso comum e científicos para buscar, através da racionalidade, a essência mais pura possível, o ainda não visto (Azevedo, Azevedo, 2010).

Buscou-se “atingir o transcendental”, descortinaram-se os fatos que envolvem a ameaça, o ataque e a fuga para atingir a essência das diversas compreensões, do mesmo modo há a descrições delas; como buscou-se, em seguida, a pureza da verdade, ao qual para Husserl, a verdade correspondência entre atos significativos e intuitivos, adequação do intelecto, a verdade entendida como adequação do intelecto dar-se-ia ou em contato imediato com a realidade ou em contato mediato. E, por fim, propôs-se “livrar do factual” e, mediante a razão, alcançar o essencial (Azevedo, Azevedo, 2010).

Memória

Os debates epistemológicos sobre as dimensões e derivações de memória apresentam distinções, aproximações e pontos de convergência e desconexões, porém a memória agonística que se caracteriza um fenômeno cognitivo (Candau, 2012) se configura como foco desta pesquisa.

Em essência, a memória agnóstica se apresenta como uma memória individual, mas pode se tornar coletiva e característica de um grupo; e como memória social, e pode depender do externo como força motriz colocada em pauta e/ou destaque. Na perspectiva cognitiva, a memória é um processo psicológico básico, construído no âmbito contextual, pois o sujeito é a interseção dos estímulos internos e externos, que emergem da relação “estímulo e resposta” (Glassman; Hadad, 2006).

Bases cognitivas do conceito de “memória agonística”:
um estudo fenomenológico através da comunidade LGBTQIAPN+

E, basicamente através desse reforço intermitente, ou seja, da intermitência, que se refere aos fenômenos que acontecem durante um tempo e recomencem novamente por meio de intervalos e interrupções, esses podem ser fenômenos produzidos por uma segunda e terceira pessoa quanto aos estímulos e repostas, vivenciados pelos grupos tanto de forma positiva, como acolhimento, e de forma negativa, como repulsa.

Nesse sentido, o sujeito humano não é considerado uma espécie que, deva viver isolada, ele precisa estar inserido na relação “estímulo e resposta”, relação que ocorre no fluxo como sensação, percepção, assimilação, acomodação, representação e a evocação no âmbito da memória. Isso se dá para que o sujeito se situe e compreenda o “estar-no-mundo” em todas as esferas, que irá envolver a articulação entre lembranças e esquecimentos e a capacidade de resgate, reflexão e questionamentos (Glassman; Hadad 2006; Atkinson *et al.*, 2002).

A sensação versa sobre os dados recolhidos pelos sentidos que não necessariamente são submetidos à interpretação simbólica, e ocorre entre os sujeitos humanos e espécies simples. Na percepção ocorrem a interpretação e a significação de dados que foram obtidos das impressões pelas vias das sensações (Araújo, 2014).

A representação é uma estratégia utilizada para acomodar na estrutura cognitiva do sujeito as unidades analógicas e imagéticas dos fenômenos físicos e metafísicos. Na assimilação o sujeito adiciona um fenômeno novo aos esquemas estruturais já construídos e/ou consolidados, e a acomodação é a tendência do sujeito de ajustar-se ao novo fenômeno, alternando os esquemas de ação adquiridos, dessa forma, se adequando ao novo fenômeno recém-assimilado (Glassman; Hadad 2006; Atkinson *et al.*, 2002).

Do mesmo modo, com esse processo em curso de forma satisfatória, os sujeitos podem evocar tudo o que fica na memória, de forma consciente e inconsciente, automática ou não, voluntária ou não, pois depende do contexto, da pressão, motivo e desejo da evocação, essa última que é a ação de fazer aparecer e emergir aquilo que foi vivido e experimentado independentemente de sua intensidade, vontade e sensação. Assim, refletir sobre a aquisição, formação, conservação e evocação da memória e do que foi mencionado, relacionando-se diretamente à memória cognitiva.

Glassman e Hadad elencam vários tipos de memória, e suas forças:

Memória de Curto Prazo [...] lida com a retenção durante intervalos de tempo relativamente breves de aproximadamente 15 segundos. **Memória de Longo Prazo** [...]: é [...] retenção a retenção durante períodos relativamente longos (horas, dias, semana, ou períodos de tempo mais longo). **Memória Episódica**: É [...] de longo prazo que contem experiências pessoais, organizadas segundo onde e quando eventos acontecem como o que aconteceu em seu último aniversário. **Memória Processual**: é [...] longo prazo que armazena as informações “como”, por exemplo, escutar um instrumento musical ou resolver um quebra-cabeças. **Memória Semântica**: é um [...] longo prazo que envolve um conhecimento geral do mundo. **Memória Sensorial**: É uma forma de memória transitória, específica da modalidade, que serve como uma área de armazenamento entre sentidos e a memória de curto prazo. (Glassman; Hadad, 2006: 505).

A memória é um instrumento para a construção da sociedade e, consequentemente, especialmente, está em toda parte e, ao mesmo tempo, sendo composta por memórias individuais, coletivas e sociais nos fluxos das passagens do presente e do passado que se articulam e evidenciam o que é individual e o

que é coletivo, pois são indispensáveis e indissociáveis.

A partir dessas conexões entre o que se lembrar/prazer e esquecer/dor, relacionam-se as afetações e sentimentos que constroem a memória duradoura necessária, o que foi aprendido persiste ao longo do tempo de forma positiva e negativa, e nesta última a memória pode se tornar um trauma, como as memórias da guerra, intituladas de memórias pós-traumáticas.

No contexto da CI, como estratégia para compreensão da informação, a memória é um construto de estudos nos processos de delimitação e simbiose entre dados, informação, conhecimento (Setzer, 1999), memória e, também, a história.

Nessa lógica, se visualizam os pontos que unem, distanciam e que fazem a metamorfose entre o dado, informação, conhecimento, e inclusive a história ocorre frente aos processos de sensação, percepção, assimilação, acomodação, representação e evocação. E, neste fluxo, quando a experiência é traumática, há tendência para o que se torne uma memória agonística, assim se concebendo como traço de identidade.

Portanto, a compressão cognitiva do dado como matéria-prima da informação confirma e mesmo que afirma que a informação é o degrau para a construção do conhecimento, ambos dependem da memória como mecanismo básico psicológico. Essa é uma explicação das metamorfoses cognitivas, pois esses processos de significação, simbolização e retenção ocorrem na estrutura cognitiva do sujeito, do lado de dentro, a partir das excitações de fora.

O Fenômeno Agonístico

Para Candau (2012) o construto memória deve ser estudado por qualquer cientista social, e, nas entre linhas, essa importância versa sobre as questões cognitivas que podem auxiliar a compressão dos cientistas sobre o social, inclusive acerca da informação, na compressão cognitiva da informação, em que o foco na memória agonística pode revelar e adicionar descobertas para a abordagem cognitivista da área.

Para Tozzini (2019), ao focar a ciência como realidade e como efeito da atividade da natureza humana, esse campo ilustra a compreensão da humanidade em si e as microrrelações, na troca constante de preocupações e de assuntos entre os cientistas, no comportamento agonístico dos próprios cientistas.

No Dicionário Informal (2024, s/p), o fenômeno agonístico revela elementos mais básicos do sujeito humano e espécies mais simples que se referem à permanência e sobrevivência dos mesmos em espaços, uma vez que ele é:

Aquilo que se refere ao combate, à luta, ou à guerra. Tudo que inspira, ou pressupõe, espírito combativo, beligerante ou contraditório. A palavra “agonístico” procede de ÁGON, termo grego que significa LUTA.

Essa permanência e sobrevivência estão relacionadas às duas dimensões, segundo Mouffe (2005: 20), porque o fenômeno:

[...] agonismo é uma relação nós/eles onde não há solução racional para o seu conflito, mas reconhece a legitimidade dos seus oponentes. Eles são ‘adversários’ e não inimigos. Isto significa que, enquanto estão em conflito, consideram-se pertencentes à mesma associação política, partilhando um espaço simbólico comum dentro do qual o conflito ocorre. (Mouffe, 2005: 20)⁷.

7 Tradução nossa.

Bases cognitivas do conceito de “memória agonística”:
um estudo fenomenológico através da comunidade LGBTQIAPN+

Desse modo, o fenômeno agonístico se situa entre a percepção e a sensação, entre dois lados que são o “eu e os outros”, e nessa relação emergem a estranheza e a compreensão do que é exótico. E, quando isso ocorre no território através da ocupação pelo “outro”, o “eu” visualiza e protege seu território belicamente. Contudo, quando se refere a esse combate e luta em nome do território, a proteção pode ser de forma fria, diplomática e política, como revela Tozzini, com o conceito de que:

Um **comportamento agonístico** é uma conduta de batalha. Neste sentido, uma batalha é compreendida para além do combate explícito. Comumente, diz-se que um comportamento agonístico engloba toda ação que envolve um confronto: técnicas de ataque surpresa, de intimidação, de persuadir, de enganar, de achincalhar, de deboche, de provocar, de colaborar etc. (Tozzini, 2019: 93).

Contudo, é imperativo compreender que não significa que o comportamento agonístico não seja um indício de desonestidade ou perversidade, apesar de ser uma reação automática e inconsciente. Na sociedade moderna, esse comportamento se apresenta de forma sutil, como argumenta Tozzini (2019).

E, na comunidade LGBTQIAPN+, achincalhar, o deboche, as provocações são estratégias de sobrevivência em primeiro plano, são as mais marcantes e têm potencial de se tornarem hábitos. O fenômeno agonístico versa sobre a interseção de reações que incluem a ameaça, o ataque e fuga entre os sujeitos, em nome da ocupação de território e tudo o que tem nele, o patrimônio simbólico, material e vital.

Ao se referir aos sujeitos humanos, o território é simbólico e/ou geográfico e patrimonial, e, quanto aos sujeitos como organismo mais simples, refere-se ao território que é geográfico vital.

Compreender essa lógica é imperativo para compreender Candau (2012), na derivação de seu conceito de memória em três dimensões. Memória de baixo nível ou protomemória, que revela a ser aquela mais próxima da ideia de hábito, um registro no corpo como, por exemplo, os gestos e comportamentos sociais comuns.

A memória de alto nível ou memória de evocação e/ou de lembranças, que incorpora crenças, sentimentos, emoções e outras experiências vividas no passado. E, ao falar de emoções, estas podem ser figuradas negativas e positivas, alocadas no inconsciente ou no subconsciente, quando a evocação começa a ter efetividade.

A metamemória que é, na verdade, a representação que cada sujeito faz dela em sua própria memória, ou algo como uma memória reivindicada, a qual se refere à memória coletiva, que pode ser compartilhada e que consiste em um conjunto de representações da memória (Candau, 2012).

Perfis, grupos e espectral e o grau agonísticos da comunidade LGBTQIAPN+

Considerar a tríade grupos, perfis e amplitude espectral da comunidade LGBTQIAPN+ significa considerar muitos fatores, e, no fluxo do fenômeno agonístico, podem-se considerar quatro elementos que constituem a informação gênero-sexualidade (IGS), que, de certa forma, se configuram como marcadores sociais da diferença: étnico-racial, classe econômica, sexualidade e gênero.

Essas são as estruturas base da IGS, que é o arranjo de conteúdos informativos e comunicacionais oficiais e científicos, produzidos e disseminados pelas redes LGBTQIAPN+ (Santana, *et al.*, 2024). Assim, ao considerar os quatro

pontos da IGS, gênero se refere ao empoderamento, os debates e problematizações são sobre a binaridade: homem e mulher, moça e rapaz, menino e menina, que denotam feminilidade e masculinidade no âmbito da cisgeneridade e transgeneridade, com também da não binaridade.

A sexualidade é percepção e sensação quanto às performances sexuais, porém, a posição de força binária ativo (a) e passivo (a) que são mais categóricas. Uma destas performances é o *gouinage*, termo francês que se refere ao sexo sem penetração, que pode ser praticado não só entre mulheres e homens LGBTQIAPN+ cis e trans, mas quaisquer casais héteros (Paranhos; Costa, 2022), que esses transcendem a lógica do coito sexual performático compulsivo.

O ponto étnico-racial trata-se dos aspectos da estética, pois há hierarquia das cores que produzem tensões de distanciamento entre os sujeitos LGBTQIAPN+ e não LGBTQIAPN+, e tensões de distanciamentos e estranhamentos entre sujeitos LGBTQIA+ no âmbito da própria comunidade LGBTQIAPN+, especialmente, entre grupos distintos, porém, com forte tendência de superação destas tensões na comunidade LGBTQIAPN+.

A classe, por sua vez, versa sobre a consciência e a senciência, no sentido dos privilégios, oportunidades e proteção quanto ao corpo LGBTQIAPN+ e o quanto ele pode transitar ou permanecer em espaços. Ou seja, tanto nos espaços geográficos quanto simbólicos e indenitários na comunidade LGBTQIA+ e fora da comunidade, inclusive na aceitação do âmbito do familiar, uma vez que eles também são provedores.

Assim, gênero, sexualidade, étnico-racial e classe atravessam todos os perfis, grupos e o espectral da comunidade LGBTQIAPN+.

Nesse sentido, ao considerar os grupos, a memória individual repassada por aspectos agonísticos, é um fenômeno importante, uma vez que a função dela garante a coesão grupal. O conceito de grupos delimitado nesta pesquisa vai além da inclinação sexual, como a pansexualidade, polisssexualidade, demisssexualidade e outras, e comporta questões culturais, políticas e estéticas, assim, os grupos apresentados no fluxo de compreensão do fenômeno agonístico nesta pesquisa incluem todos os sujeitos de diversas orientações sexuais.

Na comunidade LGBTQIAPN+ os grupos podem ser envolvidos por estranhamentos e distanciamentos, mas isso não é algo nocivo, pois, no momento político de juntar forças contra a discriminação e o preconceito, como na luta por espaços simbólicos e geográficos, a comunidade LGBTQIAPN+ entra em comunhão e desconsidera suas diferenças.

Ao destacar os(as) “transexuais/travestis” que compõem a comunidade LGBTQIAPN+, destaca-se o grupo das lésbicas, que tem grande amplitude espectral e o grau agonístico pode estar ligado ao androcentrismo e ao falocentrismo na interseção entre sexualidade e gênero. O grupo “urso” é composto por sujeitos LGBTQIAPN+ cis, em que a masculinidade é um valor importante. O grupo é composto por uma pequena amplitude espectral, e o grau agonístico desse grupo é menor, uma vez que se aproxima muito da estética heteronormativa, pois a estética musculina confunde muitos os heterossexuais, na imagem mental de que os sujeitos gays são afeminados.

O grupo intitulado “barbie” não é algo oficial, o termo faz alusão de forma preconceituosa à boneca padronizada e fabricada em série, e idêntica, assim, pode a ser ofensivo utilizar esse termo (Gontijo, 2004; Gaspari, 2019). Nesse grupo os sujeitos LGBTQIAPN+ cis se identificam com um padrão corporal musculoso. O grupo é composto por sujeitos brancos, de classe privilegiada, e o comportamento agnóstico não é parte desse grupo.

Bases cognitivas do conceito de “memória agonística”:
um estudo fenomenológico através da comunidade LGBTQIAPN+

O grupo dos “boys” se compõe de alguns perfis e pequena amplitude espectral, em que a maioria dos sujeitos são negros e pardos e de classe social e contexto geográfico periféricos (Gontijo, 2004). Os músculos são adquiridos do serviço militar e/ou laboral braçal do cotidiano em que estes atuam para sobrevivência. O comportamento agnóstico neste grupo pode ser relacionado à cor da pele e à questão de classe.

O grupo dos “bissexuais” é composto por qualquer sujeito LGBTQIAPN+ de qualquer etnia-raça, poder aquisitivo, nível educacional que sente atração tanto afetiva, sentimental-romântica, emocional quanto sexual por sujeitos de ambos os sexos. Esse grupo se comporta de forma agonística na comunidade LGBTQIAPN+ através do estranhamento. (Martins; Rodrigues, 2019).

O grupo dos e das “não binários(as)” é composto por sujeitos que apresentam identidades de gênero que não são estritamente nem masculinas e nem femininas, essas que são questões essencialmente estéticas.

O comportamento agnóstico neste grupo pode estar relacionado à suposta “indecisão” vista de fora por outros sujeitos. Da mesma forma que os “bissexuais” podem sofrer discriminação por transitarem entre corpos de mulheres e de homens, os “não binários(as)” podem provar do status de indecisos quanto à estética para alguns sujeitos tanto LGBTQIAPN+ e não LGBTQIAPN+.

As discussões entre os grupos “cross-dressers” e “drag queens” e “drag kings” são insipientes e dúbias, porque são os termos comumente utilizados para os sujeitos LGBTQIAPN+ que se trajam com roupas e acessórios do sexo adverso, com fins diversos, como econômico, teatral, artístico ou apenas como objetivo de experiência e vivenciar uma faceta feminina (sujeitos homens) e masculina (sujeitos mulheres).

Quando artísticos, são considerados artistas transformistas que interpretam papéis fixos, Suzy Brasil (Rio de Janeiro/RJ), Jully Mermaid João Pessoa/PB), Glória Groove (São Paulo/SP), Nova Hera (Florianópolis/SC), assim, são chamados(as) de “drag queens” e “drag kings”.

Como a faceta artística é a base desses grupos, não se observam comportamentos agnósticos, eles transitam tanto em lugares LGBTQIAPN+ quanto não LGBTQIAPN+, se apresentam como mestres de cerimônia, cantores, DJ, comediantes e apresentadores, o cunho artístico, o talento e o reconhecimento dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+ os protege de alguma maneira.

Análises e Discussões

O grupo dos(das) “transexuais/travestis” se refere aos sujeitos LGBTQIAPN+ que possuem identidade de gênero diferente do físico/biológico. Esse grupo é formado por qualquer etnia-racial e classe econômica, e, quando as mulheres e homens “transexuais/travestis” são negro(as) e pardos(as), o poder econômico é baixo (Brito; Avila; Silva, 2023).

Para Santana (et al., 2024), na comunidade LGBTQIAPN+ esse grupo é o que mais apresenta comportamento agnóstico. Se observa nesta pesquisa que as mulheres trans são mais agonísticas, pois tudo que é ligado ao feminino tende a produzir ódio, fato que ocorre com as mulheres cis, mas, com as mulheres trans, essa feminilidade é vista como antinatural pelos sujeitos não LGBTQIAPN+ e cis.

O grupo dos(das) “transexuais/travestis” lida com uso dos procedimentos cirúrgicos/estéticos visualizando a estética congruente à psique, o que para os sujeitos não LGBTQIAPN+ e cis também é problemático, pois a correção de

beleza, adequação, ou qualquer outro fim, como qualquer bem/serviço material e simbólico, é exclusiva da cisnormatividade, para a melhoria de algo criado por Deus em um corpo de macho e fêmea.

O comportamento agonístico pode ser visível ou não em um grupo ou outro da comunidade LGBTQIAPN+, mas, ao focar o grupo sujeitos trans e travestis:

A autodefesa pode ser o marcador mais significativo, visível [...] que são mais pressionados para abandonar e/ou de serem retirados a fórceps dos espaços sociais e viver na sombra deles. E neste caso, essas identidades sofrem mais “ataques físicos”, sobretudo por parte de sujeitos não LGBTQIA+, pois o extermínio, na maioria das vezes, é praticado por eles. (Santana et al., 2024: 34).

Nesse quesito, e no grupo dos sujeitos “transexuais/travestis”, a memória agonística é mais delimitada e visível, pois esse reforço cognitivo é de nível da intermitência que ajuda na manutenção, ou seja, é corrente de diversas formas. Para Santana (et al., 2024), o *Stonewall* pode se configurar na ilustração mais importante na representação do fenômeno agnóstico das identidades e da memória dos sujeitos LGBTQIAPN+ nos espaços geográficos e públicos não LGBTQIAPN+.

Ainda para Santana (et al., 2024), a memória agonística LGBTQIAPN+ que reflete as identidades LGBTQIAPN+ de forma agonística ocorre por suas duas perspectivas. Primeiro, de forma positiva, quando as lutas e disputas, conflitos e jogos de poder ocorrem entre os diversos grupos, que podem funcionar como força motriz de adoção e evolução da sigla LGBTQIAPN+, em que o conteúdo agônico não dissolve a comunidade LGBTQIAPN+, pelo contrário, a fortalece. Enquanto, na segunda perspectiva, na comunidade LGBTQIAPN+, as identidades LGBTQIAPN+ são agonísticas por natureza em contexto externo, pois todos os grupos, e sobretudo, o grupo dos e das LGBTQIAPN+ “transexuais/travestis”, a vivenciam no “estar-no-mundo” através de todos os níveis de preconceitos traçados por Allport (1954).

Na “antilocução”, o sujeito não LGBTQIAPN+ faz piadas, principalmente, com os sujeitos “transexuais/travestis”, pois a feminilidade trans promove ódio. O objetivo das brincadeiras é de ataque a essa característica, e, quando as mulheres trans são mais femininas que as mulheres cis, é uma afronta para a mulher cis na LGBTQIAPN+.

E, quando a mulher trans não apresenta feminilidade, a chacota é mais cruel, assim, se desconsidera a mulher trans como mulher, mas, sim, um homem cis vestido com roupas femininas. Do mesmo modo, há distanciamentos e estranhamentos violentos, é passional, e vão se constituindo articulações mais sérias quanto ao preconceito.

Na “esquiva”, o sujeito não LGBTQIAPN+ passa a evitar os sujeitos LGBTQIA+ sem passabilidade, o que não ocorre com sujeitos trans, especialmente, com as mulheres “transexuais/travestis”.

Porém, pode-se complicar mais ainda, com a agressão psicológica e simbólica, em que, na “discriminação”, nela, sobretudo, há negação de oportunidades e serviços aos sujeitos LGBTQIAPN+ “transexuais/travestis”, e, nesse nível, esses sujeitos são submetidos a atividades consideradas inferiores pela mesma parcela que nega as oportunidades, assim, a serventia laboral e sexual são aceitáveis para o sujeito trans, sua humanidade é reduzida para um *status* de um objeto.

Bases cognitivas do conceito de “memória agonística”:
um estudo fenomenológico através da comunidade LGBTQIAPN+

No “ataque físico”, os corpos trans são invadidos, os ataques físicos são uma realidade cotidiana destes sujeitos, que podem evoluir para o extermínio, que se compreende o nível em que o LGBTQIAPN+ é exterminado, que é uma maneira de invisibilizar a parcela da população “transexuais/travestis”.

Contudo, ao trazer os níveis, a antilocução, esquiva, discriminação, o ataque físico e o extermínio, para compreender um conteúdo agonista, estes níveis estão ligados à intermitência, que se refere aos ataques que ocorrem com frequência alta e que recomeçam em meio a intervalos e interrupções de toda natureza, em que esses ataques são produzidos por uma segunda e terceira pessoas. Neste caso, o grupo dos(das) “transexuais/travestis” sofre mais com o fluxo do reforçamento da intermitência de ataques, por isso, a memória agonística é cristalizada nessa parcela da população LGBTQIAPN+, é estruturada cognitivamente, assim, passando a ser social e cultural e, ao mesmo tempo, coletiva, em que essa metamorfose leva tempo, intervalos, reforços e compartilhamento entre estes sujeitos.

Nesse caso, podem ser considerados dois esquemas de reforçamentos de intermitência, e eles podem ocorrer de forma positiva ou negativa no curso da sensação, percepção, consciência, memória, ações e comportamentos das experiências e vivências humanas no “estar-no-mundo”, em que, no caso os sujeitos trans e travestis, eles vivenciam todos os dias e todos os lugares de forma negativa, que começa na família, ao espaço de trabalho.

De forma positiva, quando a reposta dada ao outro sujeito é de encorajamento, recompensas, elogios, reconhecimento. Contudo, no viés negativo, ocorre quando a reposta da segunda e terceira pessoas é a repulsa, desencorajamento e a punição, essas que sempre podem ocorrer com os sujeitos “transexuais/travestis”, pois esses nunca são recompensados por fazerem, estarem ou promoverem algo, como ocorre no reforço positivo.

O esquema de razão fixa da intermitência na forma negativa, versa, no movimento, *a priori*, sobre a ação do outro que promoverá e instalará as respostas “transexuais/travestis” agnósticas, através de ataques sutis e brutais desses sujeitos em esferas do “estar-no-mundo”, do olhar crítico, da falta de acolhimentos nos espaços, a negação de oportunidades, o desrespeito e violência no trabalho e o impedimento aos banheiros.

O grupo “transexuais e travestis” vivencia o “estar-no-mundo” de forma caótica e precária, e o potencial de desenvolvimento como pessoa, cidadão e profissional diminuem, e isso promove angústias, em que comportamento agonístico pode *a priori* não ser expresso.

No esquema de razão variável da intermitência na forma negativa, os ataques que ocorrem nas esferas do “estar-no-mundo” são reforçados por um número imprevisível de respostas dos outros, ou seja, as manifestações que os outros exercem.

De tal modo, o grupo desses sujeitos constrói a ideia desses fatores que podem ocorrer ou não, e passa a trabalhar como probabilidade de vivenciar o “estar-no-mundo” sempre através das mesmas experiências cotidianamente, assim, angústias que já existentes se conectam ao estresse e ao medo, quando pensam em submeter e estar em lugares, vivenciar e encontrar pessoas.

Nas esferas do “estar-no-mundo”, o olhar crítico pode iniciar no seio da família, na escola, esse é figurado como o início de uma agressão, especialmente, quando o sujeito percebe que o olhar lançado não surte efeitos, a agressão verbal precede, e, se essa não surtir efeito, o grito e a indignação aos sujeitos LGBTQIAPN+ “transexuais/travestis” se efetiva, especialmente, se forem negros e pobres.

Observa-se que a falta de acolhimento nos espaços também é problemática, em termos de fornecer, às vezes, uma simples informação da qual necessitam os sujeitos “transexuais/travestis”. Neste sentido, há falta de educação, há falta de respeito, e a empatia e compaixão não operam em nenhum momento, é como se o sujeito “transexual e travesti” fosse um objeto, algo inanimado, logo, sem consciência.

Nessa lógica, a negação de oportunidades é a consequência fatal, pois não se admite que os sujeitos “transexuais e travestis” sejam vistos em espaços à luz, em que os corpos são visualizados em toda a sua potencialidade estética, pois esse mesmo corpo pode ser objeto de desejo e algo que escandaliza a sociedade e a família.

Nesse sentido, o “estar-no-mundo” do grupo “transexuais e travestis” é noturno, em todos os sentidos, desde a vida pessoal, artística e profissional. Essa noção noturna contribui ainda mais para a invisibilização social dos corpos destes sujeitos, e contribui para que o grupo seja representado na esfera da marginalidade.

Quanto ao desrespeito e violência no trabalho, que são especialmente noturnos e que carregam uma representação de menos valia, são muito explorados, inclusive por sujeitos não LGBTQIAPN+, que usam dos serviços, na maioria de vezes a meia luz, e que em muitos casos os honorários dos serviços não são pagos, assim havendo muitas tentativas de calotes na forma mais violenta, que acabam em assassinatos dos profissionais, especialmente, dos ligados ao sexo.

O impedimento aos banheiros, que fere o direito de ir e vir, é brutal para os corpos “transexuais e travestis” quanto aos processos fisiológicos. O grupo é generalizado pelos sujeitos não LGBTQIAPN+, que configuram esses sujeitos apenas pela genitália, como um mecanismo que pode promover violências, pois se argumenta que algumas mulheres cis iriam ficar constrangidas e se sentirem ameaçadas, especialmente, com as transexuais femininas no contexto dos banheiros públicos. Por sua vez, o argumento dos homens cis parte da ideia de que os transexuais irão estuprar as mulheres cis.

Nessa lógica, os corpos “transexuais/travestis” são retirados, às vezes arrastados destes espaços, assim, são interrompidos os direitos de igualdade, da liberdade e dignidade da pessoa humana quanto aos seus direitos filológicos básicos.

Considerações

A memória agonística é um produtor da intermitência, pois ela ajuda na manutenção deste fenômeno na estrutura cognitiva do sujeito.

Isso ocorre através do esquema de razão fixa da intermitência que promove e instala as respostas agonísticas, através de ataques sutis e brutais. Ocorre também através do esquema de razão variável da intermitência, que são os reforços dos ataques sutis e brutais, assim, se configurando como aprendizagens.

No conjunto dos ataques sutis e brutais estão: o olhar crítico; a falta de acolhimento nos espaços; a negação de oportunidades; o desrespeito e violência no trabalho; e o impedimento aos banheiros. Assim, os dois esquemas ocorrem em esferas do “estar-no-mundo” dos(das) “transexuais/travestis” através destes ataques sutis e brutais que promovem bases cognitivas como medo, receio, frustração, raiva e timidez.

Referências

AGONÍSTICO. Dicionário informal, [S.l.], não paginado, 19 de julho de 2014. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/agon%C3%ADstico/16811/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ALLPORT, G. *The nature of prejudice*. Cambridge, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing, 1954.

ARAÚJO, H. F. Uma filosofia da percepção em Platão. *Archai*, Brasília, n. 13, jul/dez, 2014. Disponível em: <file:///D:/doutorado%2007.02.2020/Tese/percep%C3%A7%C3%A3o%20-%20textos%20bases/UMA%20FILOSOFIA%20DA%20percep%C3%A7%C3%A3o%20de%20plat%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2024.

ATKINSON, L. R. et al. *Introdução à psicologia de Hilgard*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AZEVEDO, B. V. ; AZEVEDO, B. M. O Método Fenomenológico Proposto por Edmund Husserl e o Caso Escola Base. *Síntese*, Brasília, dez. 2010. Disponível em: http://www.sintese.com/doutrina_integra.asp?id=1167#:~:text=Dessa%20forma%2C%20releva%20destacar%20que,se%20dos%20conceitos%20pr%C3%A9vios%3B%20d. Acesso em: 4 jan. 2024.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRITO, J. F.; AVILA, D. M.; SILVA, R. C. Narrativas de homens trans: uma análise discursiva no facebook. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 28, 2023. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/216871>. Acesso em: 13 fev. 2024.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.28, n.2, pp.153-161. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n2/03.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2024.

GASPARI, A. Entre bonecas e bichas de pelúcia: a distinção entre “barbies” e “ursos” em praias gays do Rio de Janeiro. *Revista Olhares Sociais – PPGCS – UFRB, Cachoeira*, v. 2, n. 2, 2019. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/olha-ressociais/wp-content/uploads/6-Entre-bonecas-e-bichas-de-pel%C3%BAcia.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GONTIJO, F. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In: RIOS, L. F.; ALMEIDA, V.; PARKER, R.; PIMENTA, C.; TERTO JUNIOR, V. (Org.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 63-68. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/604>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GLASSMAN, W. E.; HADAD, M. *Psicologia: abordagens atuais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

IZQUIERDO, I. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARTINS, C.W.S.; RODRIGUES, T.S. A literatura que não ousa dizer seu nome: percepções das Bibliotecárias da rede nacional de bibliotecas comunitárias (RNBC) acerca da mediação de literatura com a Temáticas LGBT. In: ROMEIRO, N.L.; SANTOS, B.A.; MARTINS, C.W. (Org.). *Do invisível ao visível: saberes e fazeres LGBTQIA+ na Ciência da Informação*. Florianópolis: Nyota, 2019. p. 279-301

MOUFFE, C. *On the political*. New York: Routledge, 2005.

PARANHOS, W.; COSTA, C. M. I. “Curto uma pegação no sigilo”: o Grindr como território de subjetivações dos espaços de desejo. *Periodicus*, Salvador, n. 18, v. 1, out./dez.2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367222220_Curto_uma_pegacao_no_sigilo_-_o_Grindr_como_territorio_de_subjetivacoes_dos_espacos_de_desejo. Acesso em: 5 fev. 2024.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANA, S; R. et al., Memórias e identidades agonísticas: o corpo LGBTQIA+ como signo no processo de musealização e musealidade. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 58, 2024. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/303/207>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, dez. 1999. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez99/Art_01.htm. Acesso em: 13 abr. 2024.

TOZZINI, D. L. *Programa forte em sociologia do conhecimento e teoria ator-rede: a disputa dentro dos sciences studies*, 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pós-graduação em Filosofia do Setor de Ciências Humanas, Setor de Ciências de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

Recebido em setembro de 2024

Aprovado em outubro de 2025